



SENTIDO DAS PEDRAS DO CAMINHO DO HORTO:
religiosidade popular nos rituais do sertão do Cariri

MEANING OF THE STONES ALONG THE CAMINHO DO HORTO:
popular religiosity in rituals in backlands of Cariri

SENTIDO DE LAS PIEDRAS DEL CAMINHO DO HORTO:
religiosidad popular en los rituales del interior de Cariri

Maria Christina Dos Martins Coelho Bessa*

Universidade de Fortaleza
Núcleo de Extensão e Práticas do Centro de Ciências Tecnológicas
Fortaleza, CE, Brasil
E-mail: christinacbessa@unifor.br
ORCID: [0000-0002-8203-8154](https://orcid.org/0000-0002-8203-8154)

José Clerton De Oliveira Martins**

Universitat de Barcelona
Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza
Fortaleza, CE, Brasil
E-mail: clerton@unifor.br
ORCID: [0000-0002-8229-0915](https://orcid.org/0000-0002-8229-0915)

RESUMO

Juazeiro do Norte, cidade localizada ao sul do Ceará, na região do Cariri, encontra raízes sagradas na ancestralidade indígena e afro-brasileira, que emaranhadas ao catolicismo e às seitas messiânicas características do sertão cearense, criaram um movimento de fé expressado na paisagem através de símbolos. Um dos ritos que chama atenção é o hábito de alguns romeiros deixarem pedras ao longo do Caminho do Horto, na subida da Serra do Catolé. Este é um rito sazonal realizado pelos romeiros e possui vários significados simbólicos. Fundamentado pelos estudos de Mircea Eliade e Carl Gustav Jung sobre o sagrado e os símbolos, este artigo se propõe a apresentar o sentido das pedras deixadas pelos romeiros no Caminho do Horto em Juazeiro do Norte. Foram feitas entrevistas narrativas com 10 romeiros idosos que fizeram o Caminho do Horto durante a Romaria de Nossa Senhora das Dores de 2022. Após análise das narrativas, os dados foram organizados em categorias segundo a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Foram criadas cinco categorias para compreender o sentido das pedras do Caminho do Horto. A categorização foi satisfatória, porém, percebeu-se que apesar da riqueza das narrativas, palavras não dão conta de expressar a totalidade do símbolo das pedras.

Palavras-chave: Ritualidade; Religiosidade Popular; Espiritualidade; Simbolismo; Juazeiro do Norte.

ABSTRACT

Juazeiro do Norte, a city located in the southern region of Ceará, in the Cariri area, has sacred

* Doutora em Psicologia e mestra em Ciências da Cidade pela Universidade de Fortaleza.

** Doutor e mestre em Psicologia pela Universitat de Barcelona, Espanha.

roots in Indigenous and Afro-Brazilian ancestry. These roots, intertwined with Catholicism and the messianic sects characteristic of the Ceará backlands, have created a movement of faith expressed in the landscape through symbols. One of the rituals that stands out is the habit of some pilgrims leaving stones along the Caminho do Horto, on the ascent of Serra do Catolé. This is a seasonal ritual performed by pilgrims and holds various symbolic meanings. Based on the studies of Mircea Eliade and Carl Gustav Jung regarding the sacred and symbols, this article aims to present the meaning of the stones left by pilgrims along the Caminho do Horto in Juazeiro do Norte. Narrative interviews were conducted with ten elderly pilgrims who walked the Caminho do Horto during the 2022 Pilgrimage of Our Lady of Sorrows. After analyzing the narratives, the data was organized into categories according to Bardin's (2011) Content Analysis method. Five categories were created to understand the meaning of the stones along the Caminho do Horto. The categorization was satisfactory; however, it became evident that, despite the richness of the narratives, words alone cannot fully express the symbolic essence of the stones.

Keywords: Rituality. Popular Religiosity. Spirituality. Symbolism. Juazeiro do Norte.

RESUMEN

Juazeiro do Norte, ciudad ubicada en la región sur de Ceará, en el área del Cariri, tiene raíces sagradas en la ancestralidad indígena y afrobrasileña. Estas raíces, entrelazadas con el catolicismo y las sectas mesiánicas características del sertão cearense, han creado un movimiento de fe expresado en el paisaje a través de símbolos. Uno de los rituales que llama la atención es el hábito de algunos romeros de dejar piedras a lo largo del Camino del Horto, en la subida de la Serra do Catolé. Este es un ritual estacional realizado por los romeros y tiene varios significados simbólicos. Fundamentado en los estudios de Mircea Eliade y Carl Gustav Jung sobre lo sagrado y los símbolos, este artículo se propone presentar el sentido de las piedras dejadas por los peregrinos en el Caminho do Horto, en Juazeiro do Norte. Se realizaron entrevistas narrativas con diez romeros ancianos que recorrieron el Camino del Horto durante la Romería de Nuestra Señora de los Dolores de 2022. Tras analizar las narrativas, los datos se organizaron en categorías según el Análisis de Contenido de Bardin (2011). Se crearon cinco categorías para comprender el significado de las piedras en el Camino del Horto. La categorización fue satisfactoria; sin embargo, se percibió que, a pesar de la riqueza de las narraciones, las palabras no logran expresar plenamente la totalidad del símbolo de las piedras.

Palabras clave: Ritualidad; Religiosidad Popular; Espiritualidad; Simbolismo; Juazeiro do Norte.

1 INTRODUÇÃO

No sertão cearense, ao sul do estado, na região chamada Cariri, descortina-se belos rituais religiosos que são identidade marcante daquele lugar. Uma religiosidade que encontra raízes na ancestralidade indígena e de matriz africana, que emaranhadas ao catolicismo e às seitas messiânicas características do sertão, criaram um movimento de fé que reflete a alegria, as cores, a musicalidade, as crenças e rituais que expressam a força do povo do sertão de ressignificar os percalços da vida.

A religiosidade é ingrediente essencial na vida do sertanejo, sendo algo tão forte, que transcende a alma e extrapola os pensamentos e, por necessidade de demonstrar a fé é expressado na paisagem através de simbolismos. Assim, paisagens das cidades sagradas são constituídas de um conjunto de códigos, sejam eles templos ao ar livre ou templos

construídos, seja por ritos praticados pelos fiéis ou as festas populares.

Essas manifestações de fé conferem à cidade sagrada uma identidade própria. São lugares que se constituíram de forma especial, e neles se observa a presença de objetos que são parte do mundo natural, como pedras, rios, dentre outros, aos quais foram atribuídos significados sagrados, alterando as relações do homem com os espaços livres e construídos, conforme afirmado por estudiosos como Eliade e Jung.

Para Eliade (1992), em seu livro *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*, o humano tem uma necessidade de imprimir aqui na terra uma representação do cosmos, sendo este o ponto sagrado que orienta a vida cotidiana do romeiro. A criação desse cosmos parte do momento hierofânico quando, por algum motivo, acredita-se que houve a manifestação do sagrado, por exemplo, um raio que parte uma árvore ao meio ou uma cachoeira que passa a ser vista como uma força da natureza.

Jung (2017) explica, em seus estudos sobre os arquétipos, os significados simbólicos desses objetos sacralizados e como se repetem em diferentes religiões e culturas através do que ele chamava de inconsciente coletivo. Para ele, existe nos humanos uma tendência a sacralizar elementos da natureza.

Juazeiro do Norte, cidade localizada ao sul do Ceará, na região do Cariri é um desses casos em que o sagrado é expressado na paisagem através de símbolos, que presenteiam aos que ali convivem, experiências de ordem diferente do cotidiano. Esta crença faz desse lugar, um templo a céu aberto, como pode ser observado em sua paisagem, onde encontramos cruzeiros em madeira simples, pilhas de pedras deixadas pelos romeiros, dentre outros símbolos.

São muitas as expressões de fé que podem ser observadas em Juazeiro do Norte. Um dos ritos que chama a atenção é o hábito de alguns romeiros deixarem pedras ao longo do Caminho do Horto, na subida da Serra do Catolé. Para praticá-lo, os romeiros acordam de madrugada e caminham vindo de vários lugares da cidade, rumo ao bairro do Socorro. Eles seguem o percurso até cruzar a ponte do Rio Salgadinho, onde mais adiante, na avenida José de Melo, encontram as primeiras estações da Via Sacra, demarcadas por estruturas de alvenaria com desenhos em xilogravura representando as estações com os momentos de sofrimento anteriores à morte de Jesus Cristo até sua Ressurreição, sendo quinze estações no total.

O romeiro segue seu caminho até dar início à subida do Caminho do Horto e ao longo do qual encontram-se as outras estações. Durante a subida, eles vão deixando pedras nas estações da Via Sacra, enquanto rezam, cantam benditos, que são canções religiosas

populares e, finalmente, ao terminar a caminhada, no topo da Serra do Catolé, encontram a estátua gigante do Padre Cícero.

Qual o sentido os romeiros expressam no ato de deixar pedras no Caminho do Horto? Este símbolo encontrado em abundância na natureza, é o que se pretende responder nesta pesquisa. Seriam as pedras o peso do pecado? A lembrança de alguém ou a materialização de um pedido? São várias as possibilidades que envolvem tal símbolo. Desde os primórdios, o ser humano utiliza a pedra como símbolo sagrado, seja para demarcar o local de espaço ritual sagrado ou lápides de entes queridos. O fato é que as pedras são encontradas em vários lugares do mundo expressando vários significados.

Escolher pedras, fazer o caminho tortuoso e íngreme de subida e chegar ao topo da serra para encontrar a imagem do Padre Cícero é um rito sazonal realizado pelos romeiros e existem vários significados que ficam impressos ao longo do Caminho do Horto. Assim, este artigo se propõe a apresentar o sentido das pedras deixadas pelos romeiros no Caminho do Horto em Juazeiro do Norte.

Este trabalho é fruto da tese de Doutorado em Psicologia da Universidade de Fortaleza intitulada *A pedra e o rito: significações do ato de fé no caminho sagrado* (Bessa, 2023) e faz um percurso investigativo sobre a pedra e o sagrado, cujo intuito é investigar o simbolismo das pedras deixadas pelos romeiros nas estações da Via Sacra.

Para a realização da pesquisa, foram feitas entrevistas narrativas com romeiros idosos que fizeram o Caminho do Horto durante a Romaria de Nossa Senhora das Dores de 2022. Foram entrevistados 10 romeiros idosos com idades entre 60 e 75 anos.

A entrevista iniciou a partir de uma pergunta disparadora que tem relação com o momento pesquisado, no caso, a ocasião que o romeiro deposita a pedra no Caminho do Horto. Ao final do percurso, os romeiros respondiam a seguinte pergunta disparadora: *O que significa para o senhor deixar pedras no Caminho do Horto?*

Após análise das narrativas, os dados foram observados conforme a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Neste artigo, serão apresentadas as considerações finais acerca da interpretação através das narrativas dos romeiros entrevistados. Porém, antes, será apresentada uma contextualização teórica sobre religiosidade popular no sertão nordestino e sobre a sacralidade e seus símbolos. Este estudo encontra embasamento teórico em artigos pesquisados em bases de revistas acadêmicas e livros de teóricos, especialmente nos autores Carl Gustav Jung e Mircea Eliade.

2 RELIGIOSIDADE POPULAR EM JUAZEIRO DO NORTE

Para se compreender as questões do sagrado que envolvem um lugar, é necessário previamente conhecer seu o contexto histórico. Porém, acredito que a chave de compreensão vem antes de Padre Cícero, figura emblemática na região do Cariri e pelo qual os romeiros têm muito carinho e respeito. No caso de Juazeiro do Norte, a religiosidade popular encontra suas raízes no catolicismo romano, com a adição das tradições indígenas, da tribo dos Cariri, por exemplo, e das raízes africanas.

Para Oliveira (2019), o catolicismo popular encontra bases na forma de colonização do Brasil. Junto ao sistema de ocupação da colônia, o catolicismo trazido pelos jesuítas se integrou, como uma forma de organizar, segundo o pensamento lusitano, a nova colônia, com o intuito de ter um controle maior sobre o território.

Como uma forma de domínio, Rosendahl (2014) afirma que os portugueses assumiram o posicionamento de povo responsável por trazer para a Terra de Santa Cruz a fé cristã, trabalhando para a conversão dos povos indígenas originários. Essa mentalidade direcionou o trabalho da Igreja Católica na colônia que desbravou o país catequizando os povos indígenas e mais tarde os escravos vindos da África. Os padres jesuítas, franciscanos entre outros, encontraram resistência por parte de grupos indígenas, porém seguiram com sua missão cujo intuito era atender as diretrizes de Portugal, isto é, uma organização para o desbravamento da nova colônia.

Esta frente *luso-católica*, como chama Rosendahl (2014), teve sua base forjada na celebração da primeira missa em terras brasileiras, onde o símbolo da cruz e da eucaristia deixaram claro que o caráter da nova colônia seria a forte devoção ao sagrado. A geógrafa expõe ainda que a famosa tela chamada *A primeira missa no Brasil*, de Vítor Meireles, possui uma marcante representação do momento da manifestação do sagrado, a hierofania (Eliade, 1992), pois foi quando houve a consagração do país a Jesus.

As crenças católicas foram impostas a todos os atores que faziam parte deste cenário de colonização: desde portugueses que vieram para a colônia (era exigência ser convertido ao catolicismo para assumir terras; neste caso, podemos citar inclusive os judeus convertidos, denominados de cristãos novos), passando por povos indígenas originários do Brasil e posteriormente os escravos africanos que vieram para a colônia e foi nesta mistura de crenças e culturas que o catolicismo popular do Cariri se formou (Oliveira, 2021).

Este processo de catequese não incluía a cultura original dos povos, o que suprimia ou adaptava seus ritos e crenças. Porém, os povos catequizados conseguiam perpetuar de

certos hábitos, gerando uma inter-religiosidade que possui características diversas do catolicismo lusitano (Oliveira, 2021).

Com a expulsão dos jesuítas, o sertão nordestino se tornou um lugar onde esta mistura de crenças já estava arraigada. Com a falta de padres para controlar e catequizar toda a população, o catolicismo popular foi se enraizando na cultura popular local e se sobrepondo às tradições católicas originais. Os moradores das regiões desassistidas pelos padres passaram a criar seu próprio sistema de crenças, ritos e símbolos.

Assim, no século XIX, surgem os movimentos messiânicos, que são movimentos de padres, leigos, religiosos que acreditavam em Deus e um messias como salvador da Terra, conforme comenta Oliveira (2021, p. 110): “contudo, com base em relatos e cartas de colonos, cronistas e missionários, aspectos da cultura religiosa dos nativos do território brasileiro podem ser apontados como movimentos messiânicos, ou seja, da busca pela ‘terra sem males’”.

Para o mesmo autor, o Padre Ibiapina, que atuou na região do Cariri, no século XIX, foi personagem importante na propagação do catolicismo na região nordeste. Sua atuação foi marcante, pois percorreu o sertão criando capelas, ajudando a construir residências, casas de caridade e ensinando técnicas agrícolas aos mais necessitados, isto enquanto pregava a palavra de Deus. Sua atuação ia além dos ritos da Igreja e contribuiu para a disseminação de movimentos messiânicos no sertão nordestino, tanto que chamou atenção de figuras como Antônio Conselheiro, que teve atuação marcante em Canudos, na Bahia, e Padre Cícero em Juazeiro do Norte, Ceará. Estes líderes religiosos eram fundamentais para trazer tanto a orientação na vida espiritual, apresentando o evangelho e a esperança em Deus, como inclusive trazendo apoio social à população sertaneja.

Infelizmente, esse movimento ficou conhecido como um misticismo irracional e arcaico, pois seus líderes e seguidores foram considerados fanáticos religiosos; esta era a crença da maioria das pessoas, inclusive atualmente. Mas, analisando o contexto em que se insere, este era um frescor para a população da época, que fazia com que aquelas pessoas à margem da sociedade se sentissem incluídas na terra prometida (Oliveira, 2021).

Farias (2016) e Oliveira (2021) afirmam que foi no século XIX, na transição da monarquia para a República, que os movimentos messiânicos começaram a ser combatidos com força militar, pois seus líderes pregavam que a nova burguesia e o governo republicano atuavam como forças do anticristo, não as reconhecendo como legítimas. Um grande exemplo que temos deste período é a guerra de Canudos, que tinha Antônio Conselheiro como líder, que foi assassinado. Porém, estes movimentos messiânicos se mantiveram no

pensamento religioso popular e predomina entre os romeiros até os dias atuais, levando-os a basear sua fé na crença da terra prometida do Apocalipse e na vinda do Messias. Neste contexto, seguindo principalmente os passos de padre Ibiapina, encontra-se padre Cícero Romão Batista, que mesmo sendo perseguido, é figura fundamental na fundação de Juazeiro do Norte.

Nesta realidade, Juazeiro do Norte foi fundado, tendo essa inter-religiosidade como os fundamentos da fé dos romeiros de Padre Cícero. Conversando com amigos de Juazeiro, eles dizem que é comum se dizer que na cidade toda casa possui um altar na entrada e um terreiro no quintal. A partir daí, imagina-se a diversidade de crenças, hábitos, músicas e ritos, que são descortinados diariamente na paisagem da cidade. A seguir, falaremos sobre os símbolos que conformam essa paisagem.

2.1 Sacralidade e seus símbolos na paisagem de Juazeiro do Norte

A relação do ser humano com o sagrado, segundo Eliade (1957/1992), inicia após a manifestação do sagrado, ou hierofania, e a experiência do indivíduo com o sagrado. A partir daí, um grupo de pessoas se reúne em torno daquela crença e começam a surgir os mitos, primeiro, os cosmogônicos e depois os mitos de origem e as histórias míticas, sendo essencial para o homem religioso reviver aquele mito para renovar as forças com toda a potência, como na época da origem e é através de ritos que isto se torna possível.

Ries (2020) afirma que “o mito é um dos meios de expressão de que dispõe o homem arcaico. Esse meio de expressão à base de imagens e de símbolos é um elemento capital da vida social e religiosa do primitivo” (p. 31). Podemos compreender que com o surgimento dos mitos, o homem religioso cria todo um conjunto de ritos e símbolos que o permitirão revivê-lo.

Nas sociedades arcaicas, os grupos se reuniam em torno de crenças e organizações sociais que se moldavam a partir dos mitos, organizando-se no que Jung (2017) chamava de inconsciente coletivo e os arquétipos seriam o conteúdo deste inconsciente, que se forma na primeira infância, a partir do nascimento do bebê, com um conjunto de fatores como relações sociais, emoções, gestos, dentre outras capacidades inerentes o ser humano (Lampreia, 2008).

O inconsciente coletivo é a mais profunda camada da psique de um indivíduo. Este estrato é percebido quando são encontrados elementos comuns, como conjuntos de imagens, os quais eram definidos por Jung (2017) como primordiais entre os seres humanos

e são expressos em imagens simbólicas. Eles podem ser observados nas reações ou sensações que se manifestam de forma similar entre vários indivíduos reunidos em um rito ou diante de um símbolo. Para Jung (2017) e Eliade (1991), o símbolo está ligado ao sagrado e se manifesta através de festividades, ritos, textos, cânticos, dentre outros, seja em religiões mais complexas como católica ou judaica, até religiões não complexas, como os rituais indígenas, conforme afirma (Almeida Júnior, 2019).

Baseado nisso, Jung criou sua Teoria dos Arquétipos, no qual afirma que eles são o conjunto de imagens primordiais que dão sentido às histórias (mitos), que passam entre gerações, formando o conhecimento e o imaginário do inconsciente coletivo. Os arquétipos também são imagens universais que existiam desde os primórdios da humanidade e expressados na forma de símbolos, crenças, ritos e ensinamentos (Jung, 2017).

Eliade (2010) chamava atenção para as dimensões sagradas que os objetos ganham após a hierofania. Por exemplo, a pedra é um signo que possui valor sagrado em crenças diferentes.

A teoria de Jung (2017) afirma que os aspectos religiosos se fundamentam nos arquétipos, e quando se trata de uma religião com ritos cerimoniais, sendo estes arraigados a uma cultura e celebrados em coletividade, as raízes profundas do inconsciente coletivo são tocadas, sendo isto uma religião verdadeira, viva, que toca a alma e faz diferença na vida do indivíduo, como no caso das romarias.

Para Jung (2017), as imagens arquetípicas permeiam as atitudes das pessoas em relação aos lugares em que se desenvolve alguma relação de afetividade, sendo uma necessidade natural do ser humano de trazer significados às coisas. Segundo Eliade (2010) estes lugares sempre remeterão aos mitos do passado.

Jung elabora que a religião ou a experiência com o sagrado é algo importante e até necessário para a natureza humana e a compreensão da sua história, pois ela é parte de um todo e une o indivíduo através do inconsciente coletivo (Souza, 2011).

Scouarnec (2001) afirma que ritos podem ser chamados de símbolos, que são um conjunto de objetos, ritos, gestos, festas, palavras que identificam um grupo, seja família ou comunidades, que possuem valores, histórias, costumes, ritos e monumentos em comum. Ele acrescenta que na cultura materialista atual, perde-se a dimensão simbólica das coisas, pois a essência do ser humano é a memória e sua aliança com outras pessoas, sendo o materialismo uma realidade que não valoriza isto. Para Jung (2017), esse universo de símbolos é irracional, pois obedece a leis diferentes das leis cotidianas ou profanas, e essa vida simbólica é essencial para expressar as necessidades da alma (Machon, 2016).

É através das experiências religiosas que advém a necessidade do homem religioso de demarcar o lugar que ele considera ser sagrado. Essa experiência religiosa é experimentada através dos ritos, pois são por meio deles que uma pessoa ou um grupo constroem uma realidade com os símbolos. Esta realidade diante do que acreditam ser pertinente na experiência sagrada, permite que surjam emoções que dão todo o colorido à experiência religiosa.

Em Juazeiro do Norte é possível vivenciar estas experiências religiosas que expressam de forma bem característica à cultura do lugar, através das músicas, ou benditos entoados, das expressões piedosas dos romeiros e rituais de devoção popular.

Os símbolos estão na paisagem da cidade, contribuindo para a espacialização do espaço sagrado. É no Caminho do Horto onde mais se percebe isto em Juazeiro do Norte, tanto através das pedras deixadas pelos romeiros, mas também no baldaquino que protege a Pedra do Joelho, marco importante no percurso, e nos espaços onde ainda encontramos os praticantes das seitas apocalípticas tão marcantes no sertão.

A pedra como imagem arquetípica, o mito escatológico do Apocalipse, Padre Cícero como a figura do herói daquele povo, é como se entrássemos na dimensão temporal própria do sagrado, fazendo com que o tempo corra diferente do tempo profano.

Para Souza (2018), as experiências místicas experimentadas por Padre Cícero em vida, como o sonho que ele teve no qual Jesus Cristo pediu que ele cuidasse de seus filhos, o que acarretou sua mudança para o que antes era apenas uma pequena vila e o fato miraculoso que ocorreu com a Beata Maria de Araújo, foram essenciais para a criação do que hoje se chama de *Mística sertaneja do Cariri*. Esta mística se perpetua até os dias atuais, como se percebe nas romarias que ocorrem na cidade, por exemplo, a dedicada à Nossa Senhora das Dores, na qual uma multidão de romeiros se dirige a Juazeiro, anualmente, no mês de setembro.

Tal mística, segundo Rocha (2019), pode ser observada também no Caminho do Horto, na subida para a Serra do Catolé. Em tal local, observam-se os hábitos, muitos deles de cunho sagrado, que a comunidade de moradores adquiriu durante sua história, bem como os romeiros que fazem este caminho.

Percebe-se que uma romaria é um símbolo que abarca vários outros, e tais símbolos passam de uma geração para outra com uma essência similar, como o símbolo do movimento e a necessidade de retorno, porém, cada grupo acrescenta ritos próprios e cada romeiro desenvolve seus ritos pessoais.

As romarias em Juazeiro do Norte possuem problemas e potencialidades, mas

vivenciá-las são momentos transformadores. Esta conjuntura mostra que Juazeiro do Norte é uma cidade-santuário, uma *hierópolis*, para onde o romeiro retorna sazonalmente em romarias para recarregar suas forças, como se reinaugurasse o tempo vivido, festejasse um novo ciclo de vida.

2.2 As pedras que conectam os romeiros com a sacralidade do lugar

Após esta pesquisa teórica que apresentou as origens da religiosidade popular do sertão cearense e sobre a sacralidade e os símbolos na paisagem do Caminho do Horto, compreendendo o papel do símbolo na vida dos romeiros, será apresentado a seguir os resultados das entrevistas narrativas feitas com os romeiros idosos durante a romaria de Nossa Senhora das Dores em 2022.

Acompanhar os romeiros em seu rito no Caminho do horto foi uma experiência emocionante, de muita potência. Fomos guiados pelas pedras dos romeiros, que nos transportaram a vários Juazeiros, em uma viagem narrativa tão rica de detalhes que expressava em cada um daqueles lugares, a força que se ancora aquele lugar, que pela sua ambiência, é capaz de nos transportar para além do espaço físico.

Seguindo o método de pesquisa estabelecido, dividimos a análise das narrativas em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, e a seguir foi feita a inferência e interpretação das 5 categorias finais catalogadas, seguindo as orientações de Bardin (2011), conforme já anunciado.

Cada categoria final foi criada com um verbo, que indica ação, movimento e caminhada, que é o símbolo da romaria: expiar, crer, peregrinar, confiar e celebrar. A cada categoria foi nomeada uma pedra que a representa: a pedra da penitência, a pedra da devoção, a pedra da terra santa, a pedra da vida e a pedra da celebração.

Durante toda a análise das entrevistas dos romeiros, as pedras, nosso objeto de estudo, nos direcionaram. Foram elas que permitiram acessar o espaço sagrado do Caminho do Horto e os vários Juazeiros que se entrelaçam em um mundo tangível e intangível. As pedras são o ponto de conexão entre os romeiros e o sagrado, devendo, portanto, ser protagonistas na análise das categorias, pois as vemos como uma conexão entre sujeitos observados, pesquisadores e as narrativas dos romeiros. Por isso, nomeou-se uma pedra para cada categoria final (Tabela 1).

Tabela 1 - Categorias finais e suas pedras

Categorias finais e suas pedras	
Sacrificar	A pedra da penitência
Crer	A pedra da devoção
Fazer romaria	A pedra da Terra Santa
Confiar	A pedra da vida
Celebrar	A pedra da celebração

Fonte: Bessa (2023).

A seguir serão apresentadas as cinco categorias finais, o que permitiu conhecer um pouco do sentido das pedras deixadas pelos romeiros no Caminho do Horto em Juazeiro do Norte. Uma observação é que os nomes dos romeiros apresentados neste trabalho não correspondem aos seus verdadeiros nomes.

2.2.1 A pedra da penitência

A penitência, o ato de sacrificar, é algo marcante. Para muitos, este ato penitencial é irracional, não faz sentido, porém, este é um ato de conexão com a divindade, como mostra a fala da romeira Madalena:

Então essas 15 estações é toda a passagem de Cristo quando ele subiu ao monte Calvário para sua crucifixão, então, cada estação dessa a gente faz a meditação justamente no período no caminho de Cristo. Então, a gente medita, agradece a Deus por todo o sacrifício dele por nós e aí a gente tenta imitar Jesus nessa caminhada diante da nossa fé, a fé católica vivida e vivenciada no sofrimento de Cristo por nós!

Para Eliade (2020), existe uma necessidade do homem religioso de reviver estes eventos míticos, que ocorreram em tempos imemoriais, mas que fazem sentido para o fiel, pois ele se conecta com as raízes do que considera a fundação do mundo. Tais eventos são revividos em períodos cíclicos e os ritos, são a forma de se reconectar com este passado mítico.

Para os romeiros, fazer a Via Sacra é reviver aquele momento de força fundante, quando para os cristãos se renova uma nova forma de relação com Deus, já que se cumpre o que estava nas escrituras. Naquele momento de caminhada ele se transporta para aquele tempo de mais de 2000 anos atrás, quando o próprio Cristo fez seu caminho carregando a cruz, com o corpo dilacerado pela tortura de horas anteriores até chegar ao momento de sua crucificação e morte na cruz. Para Ries (2020), nesta ação, além de buscar mostrar que sente o sofrimento de Cristo, também se tem relação com a expiação dos pecados, como se fosse uma oferta, uma troca, esperando algum tipo de benefício como explica a romeira Maria

Francisca: “*Aquela pedrinha significa o peso dos nossos pecados, ela né pesadinha? A gente pega nela e já sente o peso.*”

Teixeira *et al.* (2010) nos lembra que estes ritos fazem parte da devoção popular e são manifestações de uma troca devocional, que encontra suas bases na religião católica, mas que se misturam com as tradições populares, algo muito marcante em Juazeiro do Norte.

Para Jung (2017), reviver um momento mítico estaria relacionado ao pensar e seria, portanto, uma forma de acessar o inconsciente, que se materializa por meio de símbolos, como as pedras deixadas pelos romeiros, como percebemos na fala da romeira Margarida: “[...] *levar uma pedrinha na cabeça até a derradeira estação*”.

Jung (1994), considera ainda este processo de reviver a Via Sacra uma *imitatio Christii* ou imitação de Cristo. Isto ocorre por uma necessidade do romeiro de imitar o sofrimento vivido por Cristo, pois isto dá sentido à sua existência. Para Campbell (2007), a possibilidade de se reviver o mito levaria a uma experiência de si mesmo, pois nós voltamos para dentro e assim teríamos uma experiência de estar vivos.

A pedra da penitência convoca o romeiro para aquele momento passado há 2000 anos, mas que permite uma conexão com o divino e que tem como consequência sua organização no mundo. É uma força vital que é acessada pelo romeiro a partir daquele momento de contemplação da vida de Cristo, que fica marcado ao colocar as pedras na Via Sacra.

2.2.2 A pedra da devoção

A devoção, é crer em uma divindade. Através de práticas religiosas, como festas ou devoção pessoal, o fiel encontra uma forma de se aproximar do divino. Teixeira *et al.* (2010) explicam que a devoção seria uma manifestação popular, não necessariamente tendo conexão com as regras de uma religião institucionalizada, porém, que de alguma forma encontram suas bases na religião e tem a função de contribuir para o fortalecimento da fé e da espiritualidade.

Padre Cícero incutiu fortemente em Juazeiro do Norte a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e à Nossa Senhora das Dores, chamada pelos romeiros de Mãe das Dores, sendo inclusive a Basílica da cidade dedicada a ela. Já o próprio Padre Cícero, após sua morte, se tornou um santo popular, de devoção para os romeiros, devido à estima e ajuda ao povo sertanejo.

A romeira Teresa explica que seu rito pessoal de colocar a pedra na Via Sacra é uma

forma de expressar a crença que padre Cícero e Nossa Senhora das Dores e que esta devoção contribui com a aproximação com Deus, sendo o ato devocional de colocar a pedra no Caminho do Horto, uma forma de renovar a fé: “*O que significa assim para mim e para aqueles que tem fé em meu padre Cicho e Nossa Senhora das Dores é que cada pedrinha significa uma graça, uma fé que cada vez mais a gente renova a nossa fé sabe?*”

Todo mito, seja cosmogônico, de criação ou escatológico, terá personagens que presenciaram aquele momento e se tornam, portanto, referência para o homem religioso. Eliade (2020), chama tais personagens de Entes Sobrenaturais, que ganham importância por terem presenciado momentos fortes de fundação do mundo e que por isso possuem algum tipo de poderes sobrenaturais, por possuírem proximidade com o divino.

A pedra da devoção está, portanto, carregada da devoção aos santos, estes heróis míticos que tiveram conexão com o divino e que acabam por formar um elo entre o romeiro e divino. É uma manifestação de troca devocional e funciona como símbolo do fortalecimento da fé dos romeiros, que vão além dos ritos institucionalizados, mas que expressam a necessidade pessoal de conexão com o divino.

2.2.3 A pedra da Terra Santa

Fazer romaria, movimentar-se, é também um símbolo importante na vida de um fiel, que abraça vários significados. Representa ir a um lugar sagrado com o intuito de praticar ritos pessoais, perpetuar tradições ou pedir por familiares e amigos, e cada ida ao lugar sagrado fica marcada com uma pedra, como uma lembrança para esta vida e a próxima. A pedra da Terra Santa nos conecta com todas estas dimensões.

Inicialmente, falaremos das pedras como elemento de sentido prático, que seria demarcar o lugar de caminhada dos romeiros. Segundo Careri (2013), quando ainda era nômade, o ser humano começou a ter experiências estéticas na vastidão do território, o que levou à construção de espaços com monólitos, por exemplo, com o intuito de orientá-los. Este primeiro sentido prático foi relatado pela romeira Maria:

Um sinal, sabe por quê? Porque quando não existia estrada aí os romeiros vinham pra cá, aqui era varedo, uma estrada bem estreita, tudo era mato, espinho, varedinho, pisadinho, né? Aí eles vinham, trazia, que até eu também continuei lá pro Santo Sepulcro, aí ia colocando aquelas pedras naquele lugar acolá, pra saber por onde foi que a gente passou, entendeu? Aí significa isso.

O sentido prático de marcar o caminho levou à formação futura do Caminho do Horto

e a consolidação do bairro do Horto, com as habitações distribuídas acompanhando seu contorno. A questão é que este sentido prático, teve um motivo primordial, que tem sua relação com o sagrado, e que encontra fundamento no que Careri (2013) afirma, que na busca de se localizar no território, o ser humano começou a identificar símbolos na paisagem e com o tempo, alguns destes lugares possuem um significado sagrado.

Padre Cícero via semelhanças entre a Serra do Catolé e os locais bíblicos da Via Sacra, do Horto e do Santo Sepulcro, o que o levava a caminhar até lá com frequência, rezando o terço e meditando. Esse ritual foi indicado ao povo fiel que ali vivia, então, o lugar começa a ganhar a fama de sagrado, aonde o próprio Jesus caminhou e deixou sua marca nas pedras do Santo Sepulcro, como afirma o romeiro José: *“Lá foi criado por Deus! Tá escrito lá! Jesus de Nazaré, Rei dos judeus veio aqui no Horto. Essa terra é de Jesus, do padinho Ciço, né?”*.

Fazer romaria, ir àquele lugar sagrado sazonalmente, é uma forma de renovar forças, trazer saúde, conseguir graças, como comenta Eliade (1957/1992). Para os romeiros é retornar ao seu centro do mundo, é o lugar que o tira do caos cotidiano e o coloca na ordem cósmica da sacralidade.

Assim, como um lugar sagrado, começa a romaria pelo Caminho do Horto e a tradição de se colocar as pedras no Caminho do Horto. Para Rosendahl (2019), um lugar sagrado pode surgir a partir de uma hierofania, ou seja, quando o sagrado se manifesta, ou por rituais que se repetem com frequência.

Interessante neste aspecto é que Juazeiro ganhou fama de lugar sagrado aqui na Terra, mas é também um lugar místico, transcendente, que esconde um sítio encantado com um jardim frondoso com plantas frutíferas, bem como é um lugar que a alma busca após a morte, como falaram os romeiros.

Para os romeiros, existe uma complexa dimensão do sagrado, no que se refere às dimensões de tempo e espaço, como sugerem Pereira e Gil-Filho (2012), pois ali, existem várias dimensões de lugar sagrado, que ocorrem em uma volta ao passado, algo vivido no presente e que será desfrutado na vida após a morte como explicado pela romeira Helena:

[...] aquelas pedrinhas, eu tenho pra mim, a gente vai encontrar. Quando nós romeiro, que a missão terminar, as pedrinhas vai tá lá. [...] O romeiro vem pra cá quando morre. Aí quando chega, se as pessoas botar as pedrinha, aí não dá trabalho. Quando bota a pedrinha, aí ele encontra, ou ela ou ele encontra. Não tem um vivente que se mude pra ele num vir aqui. Quando morre, a primeira carreira, não deixa nem o corpo esfriar. Aí quem nunca veio, vem se perdendo, porque nunca veio. Quando a gente quando vai num canto que não sabe, a gente num se perde? Pois igualmente é quem nunca veio aqui. Eu mesma, eu tenho certeza, que a minha carreira vai ser rápida!

A Pedra da Terra Santa apresenta toda a complexidade de um lugar sagrado, abarcando dimensões físicas, ao delimitar o caminho sagrado do Horto, mas também, dimensões para além do mundo que podemos ver. Ao fazer romaria, o romeiro caminha por todas essas dimensões, convoca o passado de Cristo para o momento presente, traz os parentes e amigos para criar raízes ali, viaja para o jardim do Éden para fazer novenas pedindo bênçãos e espera que sua alma encontre aquele lugar sagrado na vida após a morte.

2.2.4 A pedra da vida

A pedra da vida está relacionada à busca de uma força vital, que é a própria vida. Esta força tem sua fonte no divino e o objetivo de preencher a alma humana. O fiel obtém esta força através de uma relação de fé e confiança com a divindade, conhecida como providência divina.

Para os romeiros, ao subirem o Caminho do Horto, eles estão em um momento de conexão com Deus e as pedras que deixam na Via Sacra significam várias coisas, mas principalmente, representam a fé de que alcançarão graças, como explicou a romeira Teresa:

[...] cada Pedrinha significa uma graça, uma fé que cada vez mais a gente renova a nossa fé, sabe? E aqueles que acreditam em Deus, então se você tem umas graças a alcançar, você tem uma causa na justiça, ou um familiar mesmo, você pede a Deus, que Deus ajude que você realize aquele sonho que você tanto deseja, você sobe no Horto e aí cada Estação dessa daí, você coloca uma pedra, para que você chegue lá. É que são as estações da sua fé, viu!

Devemos lembrar que para Otto (2020), esta entrega ocorre quando o fiel ganha ciência de que é um ser criado por uma divindade, percebe sua pequenez. A partir desta nova perspectiva, tudo que é desconhecido, as incertezas da vida, deve ser entregue ao divino. Esta entrega ocorre, pois, a majestade divina, ou *Majestas*, assume todo o poder sobre a criatura humana, podendo mostrar assim, a pequenez humana diante das obras divinas e destruindo o ego humano. Este reconhecimento da pequenez humana gera, portanto, uma entrega por parte do fiel, que é expressa através de ritos e símbolos que são formas de demonstrar a fé.

Ao cumprir o rito de depositar as pedras no Caminho do Horto, o romeiro se transporta para aquele momento passado e recarrega as suas forças vitais, tendo, portanto, por um certo tempo, saúde, felicidade, força, como explicam os romeiros.

A pedra da vida é uma forma de expressar a fé do romeiro que através dessa demonstração, se conecta com Deus e obtém forças. A pedra sai, portanto, de um objeto

inanimado e ganha status de um símbolo carregado com as histórias de vida dos romeiros.

A pedra da vida funciona, portanto, como objetos rituais mágicos, ~~que são~~ carregados de histórias de vida de cada romeiro. Esta pedra é a própria vida do romeiro resumida ali naquele momento de entrega e conexão com o divino, como explicado pela romeira Teresa: *“E você não volta mais com aquela causa mesmo, volta é pra agradecer, porque é a pedra da vida, é chamada pedra da vida. Cada estaçãozinha que você coloca pedra é um milagre. É a vida! É a vida!”*.

Esta força vital deve ser reabastecida sazonalmente, o que conecta a pedra da vida com a pedra da celebração, apresentada a seguir.

2.2.5 A pedra da celebração

A vida é organizada em ciclos, como ano novo, aniversário, enfim, datas que se repetem com um intervalo de tempo e cada início traz esperança de mudanças boas. Celebrar e festejar também faz parte da vida de um romeiro, que volta sazonalmente a Juazeiro do Norte para renovar seus ritos pessoais e participar de festas religiosas e populares. Este momento é tão importante para eles, que em suas falas normalmente dizem quantas viagens já fizeram, como podemos observar na narrativa da romeira Maria do Rosário: *“Por causa que eles diz que é muito bom, a pessoa é muito feliz e sempre fica andando pra Juazeiro. Fica voltando. Eu tenho 32 viagens.”*

Para Eliade (1992) e Careri (2013), o fiel precisa retornar ao lugar sagrado, aquele que é o seu centro do mundo. Esta tradição por parte do fiel tem o intuito de renovar as forças através dos ritos, pois assim, é possível reviver os mitos. Ou seja, é uma necessidade humana desde os primórdios da humanidade, quando o homem pré-histórico ainda era nômade e retornava a lugares importantes, onde houve manifestação hierofânica ou para visitar túmulos de entes queridos.

Estas viagens sazonais, como as romarias, seriam uma forma de encontrar a si mesmo e refletir sobre a vida, com o intuito de fazer grandes mudanças na própria vida. Fazer romaria é uma experiência que conecta o fiel com o divino e que tem o intuito de transformar a alma. A romeira Margarida expressou em sua narrativa que as pedras acompanham estas mudanças na vida. O rito que ela pratica tira uma pedra de uma estação e coloca na seguinte, como esse símbolo de caminhar, evoluir: *“Uma pedra que a gente bota lá, um dia, quando a gente passar novamente ela já tá em outra estação. Já num tá ali naquela estação que a gente botou. Vai caminhando. A gente vai caminhando e a pedra também!”*.

Para Jung (2017) e Eliade (1991), o símbolo está, portanto, ligado ao sagrado e se manifesta através de festividades, ritos, textos, cânticos. Assim, contar quantas viagens foram feitas até Juazeiro do Norte e marcar esta passagem com a pedra, é uma celebração, um novo ciclo que se inicia. A pedra da celebração nos conecta a um Juazeiro que é lugar de festa, lugar de novos começos, de esperança renovada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas dos romeiros causaram surpresa pela riqueza de detalhes que apresentaram. As histórias de vida, os pedidos de graças, as graças alcançadas e as histórias cheias de tradição foram ricas em detalhes. Após a categorização das narrativas dos romeiros, percebeu-se que as pedras podem simbolizar várias coisas, como, por exemplo, um ex-voto ou o peso do pecado que vai sendo abandonado à medida que se faz a subida íngreme e difícil, para no fim, chegar à meta, a estátua do Padre Cícero.

Apesar da riqueza de detalhes em suas falas, observa-se as palavras de Otto (2020), quando afirma que no momento em que o fiel conta sua experiência com o sagrado, será apenas uma experiência estética, pois nunca expressará em sua totalidade o que foi experimentado. Assim, a riqueza de detalhes nas falas dos romeiros aportou muita sabedoria, porém, deixou a sensação de que quanto mais são estudadas, mais se pode extrair e compreender o sentido das pedras do Caminho do Horto, mostrando a riqueza e profundidade que contém a religiosidade popular dos romeiros de Juazeiro do Norte.

Essas pedras deixam, portanto, de ser um objeto inanimado na paisagem do Caminho do Horto, e se tornam personagens importantes na história de cada romeiro. Funcionam também como uma chave do portal que é aberto para cada romeiro e que o leva para uma dimensão além do mundo físico, um lugar mais próximo de Deus que abastece os romeiros de uma força vital que os torna resilientes às mais diversas situações cotidianas. Aqui, fazendo jus à frase de Eliade (2020): “*Antes de mais nada a pedra é*”. Tal afirmação expressa bem a dimensão que aquelas pedras alcançam ali, no Caminho do Horto.

Em suma, percebe-se que cada pedra leva o romeiro para um único caminho, a conexão com o divino e mostram o ofício de ser romeiro, em toda sua dimensão de fiel dedicado, que acolhe o sacrifício, pois tem confiança, fé e entrega aos desígnios de Deus em uma celebração diária da vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. ESPIRITUALIDADE E VIDASIMBÓLICA. **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, Brasil, v. 17, n. 1, p. 14–27, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/cam.v17i1.6781>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BESSA, Maria Christina Dos Martins Coelho. **A pedra e o rito: significações do ato de fé no caminho sagrado**. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia) – [Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2023]. Disponível em: <https://uol.unifor.br/auth-sophia/exibicao/33066>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

FARIAS, Alberto. **Padre Cícero e a invenção do Juazeiro**. Fortaleza: Tipografia Íris, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia**. 12^a ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11^a ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LAMPREIA, Carolina. O processo de desenvolvimento rumo ao símbolo: uma perspectiva pragmática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 117-128, 2008.

MACHON, Henryk. **O cristianismo em C.G. Jung: fundamentos filosóficos, premissas psicológicas e consequências para a prática terapêutica**. Petrópolis: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, Paulo Wendel Alves de. Memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e a sacralização da Serra do Horto, em Juazeiro do Norte-CE. **Revista do Departamento de Geografia USP**, São Paulo, v. 41, [s.n], p. 1-14, 2021.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Petrópolis: Vozes, 2020.

PEREIRA, Clevisson Junior; GIL-FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica. **Ateliê Geográfico**, Goiânia v. 6, n. 1, p. 35-50, 2012.

RIES, Julien. **Mito e rito**: as constantes do sagrado. Petrópolis: Vozes, 2020.

ROCHA, Ewelter. Benditos da Ladeira do Horto: uma breve etnografia do silêncio. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 73, [s.n.], p. 64-82, 2019.

ROSENDAHL, Zeny. Tempo e Temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 35, [s.n.], p. 9-28, 2014.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, tempo e religião: devoção da Medalha Milagrosa em Paris, França. **Rever**, São Paulo, v. 19 n. 3, p. 137-149, 2019.

SCOUARNEC, Michel. **Símbolos cristãos**: os sacramentos como gestos humanos. São Paulo: Paulinas, 2001.

SOUZA, Carlos Frederico Barboza. Pe. Cícero Romão Batista: por uma mística sertaneja do Cariri. **Pistis & Praxis**, Paraná, v. 10, n. 2, p. 338-374, 2018.

SOUZA, Felipe Luís Melo de. A Psicologia (da Religião) em C. G. Jung: a equação pessoal. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 95-109, 2011.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante *et al.* Figurações do corpo nos ex-votos: a devoção entre psicanálise e antropologia. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 283-301, 2010.

Apoio: Universidade de Fortaleza.

Contribuição na coautoria: Concepção e planejamento do estudo: MCMCB, JCOM. Coleta, análise e interpretação dos dados: MCMCB. Elaboração ou revisão do manuscrito: MCMCB, JCOM. Aprovação da versão final: MCMCB, JCOM. Responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo: MCMCB, JCOM.

Conflito de interesses: Coautora e coautor declaram não haver conflitos de interesses.

Comitê de ética: Fundação Edson Queiroz. Processo nº 5.641.448.

Recebido em: 11-03-2026

Aprovado em: 01-06-2026

Editor-gerente: Moisés Sbardelotto